

REFLEXÕES SOBRE JUVENTUDE(S): OLHARES DE JOVENS ADULTOS PORTUGUESES

Edmara de Castro Pinto¹-UFPI
edmaracastro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de algumas reflexões sobre as representações de jovens adultos portugueses inseridos no ensino de segunda oportunidade em Portugal. Objetiva dar visibilidade e voz aos jovens adultos entrevistados para discorrer sobre as múltiplas variáveis e significações no que diz respeito a categoria social juventude. Assim, na nossa perspectiva, o presente artigo se configura como pertinente, contribuindo para o conhecimento de uma parcela da realidade social no que a esta temática diz respeito.

No panorama mundial, muitos são os estudos que dão conta de desvelar as diversas problemáticas que envolve a categoria social de Juventude, principalmente fundamentados no campo das ciências sociais e mais especificamente na sociologia da Juventude. Desta forma, muitos são os trabalhos que têm como enfoque o fenómeno das Socializações, Identidades e Culturas Juvenis em Portugal, nomeadamente Pais, (1990; 2002; 2003; 2007; 2009), Lopes (1997; 2000.), Abrantes, (2003; 2010), Silva (2004; 2008; 2010), entre outros. Para além destes, por ser um terreno muito vasto, esta categoria comporta outras tematizações de estudo, por exemplo: consumo e lazeres juvenis, corpo e sexualidades, Juventude e transição para o mercado de trabalho, Territórios, mobilidades e migrações, Juventudes e Violências, Juventudes, Média e Tecnologia, entre outros.

Contudo, poucos são os trabalhos enfocados na dimensão da análise do jovem adulto que se insere em Programas de Segunda Oportunidade. Assim, constatamos que os jovens adultos investigados se sentem impossibilitados de “ser jovem” face à falta de priorização às culturas juvenis na sociedade e, especificamente no âmbito do ensino de segunda oportunidade (Educação de Jovens e Adultos). Assim, este trabalho dá ênfase em analisar as representações dos sujeitos investigados sobre ser ou não ser considerado

¹ Mestre em Ciências da Educação, especialidade: Educação de Adultos na Universidade do Minho-UM-Portugal. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí- UFPI. Atualmente é professora Substituta do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí- (Campus Parnaíba).

jovem, pela sua percepção. Como hipóteses de trabalho, a confirmar, refutar ou reconstruir, apresentamos as seguintes: 1) A inserção em programas de segunda oportunidade contribui para recuperar os sentidos da escola na vida dos jovens. 2) Os jovens adultos, como sujeitos de conhecimento/aprendizagem, tendem a permanecer na condição de excluídos, quando não são desenvolvidas ações pedagógicas voltadas para seus interesses. 3) A priorização às culturas juvenis pode ser uma aliada à permanência destes jovens no ambiente escolar, sobretudo como motivação e incentivo para concluir seus ciclos de estudos, outrora interrompidos.

No que se refere à organização deste trabalho, o mesmo está dividido em 3 tópicos. O primeiro tópico intitulado: juventude, juventudes: reflexões acerca da categoria social juventude, é teórico e dedicado ao aprofundamento e reflexões acerca da categoria social da Juventude. Assim, começamos por debater o conceito de juventude e as implicações que o termo Juventude carrega em si. Posteriormente, realizámos uma breve análise em termos da evolução histórica das diversas concepções que surgiram neste âmbito. O segundo tópico intitulado: A voz dos protagonistas: o que pensam os jovens adultos portugueses? integra a componente empírica deste trabalho, explica e descreve a metodologia utilizada na investigação. Por fim, as considerações finais apresentam as contribuições do trabalho, esperando-se que este contribua para o surgimento de novas oportunidades de reflexão e leitura crítica sobre a temática investigada.

1.0- JUVENTUDE, JUVENTUDES: REFLEXÕES ACERCA DA CATEGORIA SOCIAL JUVENTUDE

Falar de Juventude é falar principalmente do carácter social da sua construção. Diversos autores (UNESCO, Bourdieu, Pais, Abramovay, etc.) vêm desenvolvendo teorias para conceituar a Juventude. Em contrapartida, nunca se chegou a um consenso teórico sobre qual definição tomar como ponto de partida para caracterizar uma categoria tão diversificada, o que significa que falar de juventude é falar de um conjunto socialmente heterogéneo. Assim, do ponto de vista teórico, encontramos na literatura científica diversas linhas de pensamento, com diferentes enfoques.

Nesse sentido, para uma compreensão ampliada e mais profunda do significado social de Juventude, dentre as várias significações a ela atribuídas, tomamos como ponto de referência analisar algumas concepções que norteiam a definição da mesma.

Essas concepções estão presentes em diversos estudos que se dividem em: teóricos que apenas abordam e discutem tais concepções em seus estudos e teóricos que defendem a abordagem de uma dada concepção. Assim, temos:

- > *Concepção a partir de um recorte etário*; (Mannheim, 1928; Feixa, 1999; Abramo e León, 2005; UNESCO, 2004; entre outros);
- > *Concepção a partir de uma construção social*; (Bourdieu, 1983; Pais, 2003, entre outros);
- > *Concepção como uma fase de transição, uma passagem entre a infância e a vida adulta*; (Ariès, 1986; Erickson, 1976; Melucci, 1992; entre outros);
- > *Concepção que concebe a juventude como um eterno “ devir”*; a um projeto de futuro, a esperança do mundo de amanhã; (Dayrell, 1998, entre outros);
- > *Concepção da Juventude como problema social*. (Hall & Jefferson, 1978; Dubet, 1987; Abramo, 1997; McDonald, 1999; Zuccheti, 2003; entre outros).

Todavia, por existir uma pluralidade de concepções de juventude e pelo difícil que constituiria realizar com precisão uma análise global da juventude, prioriza-se neste trabalho discutir a abordagem conceptual da Juventude tendo como parâmetro² alguns dos trabalhos com mais visibilidade nas ciências sociais.

Uma das primeiras concepções que surgiu no âmbito da sociologia da Juventude foi a sua definição pela idade. Uma atuante base de delimitação foi a utilizada pela UNESCO que refere a juventude como o grupo de pessoas com idades entre 15 e 24 anos, assim definida na Assembleia geral da ONU em 1985, considerado o *Ano Internacional da Juventude*. A UNESCO (2004:23) no livro *Políticas públicas de/para/com as juventudes*, definiu juventude como sendo o período do ciclo da vida “em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e, durante o qual, se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais, e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e gênero”.

No entanto, cabe destacar que trata-se apenas de uma referência³; a definição etária acaba por assumir características diversas inerentes a cada país, região e órgão

² Neste trabalho, as abordagens, concepções e/ou percepções sobre a juventude foram identificadas a partir de ampla revisão bibliográfica acerca do tema juventude. Essa revisão priorizou os estudos especialmente no campo das ciências sociais.

³ No Brasil, a principal referência utilizada para conceber o jovem a partir de sua idade é do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que concentra a faixa etária do jovem de 15 até 24 anos.

que a compõe. Grande parte dos estudos tomam como ponto de partida a faixa etária para designar e caracterizar a Juventude. Os marcos etários são justificados como relevantes, principalmente por ser um fator de análise demográfica e condição para se desenvolver, conforme aponta Abramo & León (2005: 7): “uma boa parte das ações públicas e privadas, como, por exemplo programas desenvolvidos tanto pelo Estado como por ONG’s, no campo da saúde, do lazer, da defesa de direitos, da prevenção de violência, de educação complementar e alternativa”.

Ainda assim, há quem critique estes marcos teóricos, como afirma Santana (2011: 2) pelo fato dessas abordagens etárias serem insuficientes para a pesquisa histórica, “não apenas pelo risco de anacronismo, mas também pelo facto de serem forjadas com a finalidade de planeamento e intervenção social, por meio da elaboração de políticas públicas”. Temos, então, que o critério etário é insuficiente para explicar o uso da categoria em questão. Ou seja, “o marco etário está presente nas definições, mas é tão e somente seu ponto de partida” (*Id., Ibid.*).

No tocante à análise da juventude pela ótica da faixa de idade, coloca-se à superfície a discussão em torno das gerações e das classes de idade. Um dos relevantes contributos foi o Ensaio publicado por Mannheim, (1928) intitulado “*Le problème des générations*” – (O problema das Gerações). Nesta obra, a perspectiva defendida pelo autor diz respeito a considerar o conceito de geração pela temporalidade histórica. O autor afirma que os indivíduos que pertencem a uma geração, que nasceram no mesmo ano, são dotados, nessa medida, de uma situação comum na dimensão histórica do processo social (cf. Mannheim, 1990).

Segundo Bourdieu (1997:29), é necessário construir o espaço social como estrutura de posições diferenciadas, “definidas, em cada caso, pelo lugar que ocupam na distribuição de um tipo específico de capital”. Assim,

“As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos estilo de vida) porque são o produto do mesmo operador prático, o habitus, sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objectivas das quais ele é o produto” (*Ibid.*: 01)

Em Portugal, segundo Jarimba (2007: 21) é difícil definir quando uma pessoa deixa de ser jovem e passa a tornar-se adulto, já que “para a Constituição da República Portuguesa, um adulto é aquele que possui 18 ou mais anos, visto que nesta etapa de vida os indivíduos já adquiriram consciência e capacidade de escolha livre podendo exercer o seu direito de voto. Por sua vez, o Instituto do Emprego e Formação Profissional considera que os adultos são os maiores de 25 anos”. Para fins estatísticos, considera-se adulto a pessoa com mais de 15 anos.

A noção de *Habitus* preconizada por Bourdieu é, em última análise, uma noção para se pensar o processo de constituição das subjetividades e identidades dos indivíduos desenvolvidas através das inúmeras instâncias socializadoras. Aferindo para a juventude, temos que as trajetórias de cada jovem, seus estilos de vida, são diferentes. Baseada nessas ideias, é possível reconhecer a vertente que concebe que a perda da linearidade acaba por ampliar a noção da juventude. Utilizar indicadores de entrada na vida adulta, como exemplo: terminar os estudos, arranjar um emprego, entrar na Universidade, casar, ter filhos, de entre outros, é considerá-la apenas por sua classe de idade, limitando-se tão somente a esse enquadramento.

Vivemos em um mundo em constantes mudanças e o que era transmitido de geração para geração, hoje em dia assume outros contornos. Conforme afirma Bauman (2001: 169):

“a nova mentalidade de ‘curto prazo’, que substituiu a de ‘longo prazo’. Casamentos ‘até que a morte nos separe’ estão decididamente fora de moda e se tornaram uma raridade: os parceiros não esperam mais viver muito tempo juntos. De acordo com o último cálculo, um jovem americano com nível médio de educação espera mudar de emprego 11 vezes durante sua vida de trabalho – e o ritmo e frequência da mudança deverão continuar crescendo antes que a vida de trabalho dessa geração acabe”.

Neste sentido, muitos teóricos criticam conceber a Juventude pela idade, principalmente, como afirma Alves (2008), quando essas críticas decorrem do questionamento do processo de naturalização do atributo “idade” e da pertinência da sua utilização para a definição de uma categoria social. Segundo a autora (*Ibid.*: 29-30),

“sendo a idade um dado biológico indiscutível, ela é também uma construção social que varia no tempo, no espaço geográfico, no espaço social e no espaço das políticas públicas. Neste sentido, a juventude como grupo de idade não passa de uma abstracção que não tem em conta as condições históricas, sociais e políticas que intervêm no processo de construção conceptual que lhe dá origem”.

Ademais, na sociedade contemporânea, a cada dia que passa essa concepção que aborda a juventude pela idade é colocada em segundo plano. Temos encontrado mais trabalhos dando ênfase à juventude como uma construção social, onde são evidenciadas a heterogeneidade dessa categoria e os divergentes modos de ser jovem na sociedade contemporânea, até tendo em conta que periodizar as idades de vida é um exemplo paradigmático de como este exercício é, em si mesmo, um processo de construção social, sujeito a alterações ao longo do tempo e objeto de diferentes codificações num mesmo período histórico, o que coloca em evidência a forma como um atributo

aparentemente neutro, como a idade, e, neste caso, considerando que as divisões entre as idades são arbitrárias, o que significa que são socialmente manipuláveis (Bourdieu, 1983; Gauthier, 2001; Linch, 1986).

Falar em Juventudes no plural é defender que existe uma especificidade nas diversas formas de ser Jovem. Com efeito, os modos de existência juvenil são caracterizados por percursos bastante diferentes uns dos outros (cf. Pais, 2003). Por isso, sem antes saber como esses jovens encaram essa condição, os mesmos são enquadrados numa dimensão sociológica que implica determinadas formas de concebê-los. Um bom exemplo é a visibilidade da juventude como um período de vida marcado por problemas de diferentes ordens. Pais (*Ibid.*: 33) considera que na verdade a juventude aparece socialmente dividida “em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspetivas e aspirações”. Generalizações arbitrárias são impostas sem considerar os diversos modos de agir, suas percepções, seus desejos e expectativas.

Os jovens estão sendo notados, não só como pertencentes a uma faixa etária, mais que isso, como sujeitos que constroem de modo diferenciado sua própria história, com seu próprio modo de pensar, agir, vestir, deixar transparecer suas angústias, perspetivas, medos, desejos, anseios. Falamos então, não mais em juventude, mas juventudes (no plural), pois os jovens constituem um segmento heterogêneo, portanto precisando ser vistos e tratados em sua heterogeneidade, como sujeitos sociais que constroem um determinado modo de ser jovem e que devem ser considerados de modo específico, compreendendo a diversidade “em termos econômicos, geográficos, culturais, étnicos, de orientação religiosa e filosófica” (Abramo, 1998: 5).

Segundo Dayrell (2003: 41), “a juventude não se reduz a um momento de transição, a um tempo de prazer e de expressão de comportamentos exóticos e nem tampouco se restringe a uma fase de crise dominada por conflitos com a autoestima e/ou personalidade”. Dessa discussão, o autor entende a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que vão marcar, em geral, de forma diferente a vida de cada um. Assim, “a juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona” (*Ibid.*: 42). Desta ênfase, implica entender como o jovem está inserido no meio social, como constrói determinados modos de ser jovem, de que forma exprime suas especificidades,

o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem, mesmo nas chamadas camadas populares.

2.0-A Voz dos Protagonistas: O que pensam os jovens adultos portugueses?

Para tentar responder quais as representações dos jovens adultos sujeitos da investigação, tornou-se relevante o desenvolvimento de uma pesquisa empírica. Dessa forma, para captar os discursos dos jovens face à especificidade do nosso objeto de estudo (Jovens adultos em contexto de escolarização tardia), utilizamos da investigação qualitativa, sobretudo porque o que aqui nos interessa é captar os anseios, expectativas, frustrações desses sujeitos, corroborando Bogdan e Biklen (1994, p. 68) quando referem que “os investigadores neste tipo de investigação se interessam pelo modo como as pessoas pensam sobre as suas vidas, experiências e situações particulares”.

Nesse sentido, optamos por entrevistar 09 jovens estudantes de um programa de Novas Oportunidades⁴, em uma escola localizada no município de Braga - Portugal. A entrevista utilizada por nós foi de natureza semiestruturada (também designada de semidiretiva ou semidirigida), pois visou apreender as opiniões, expectativas, visões e as leituras que os jovens fazem das suas próprias experiências de vida, especificamente escolar e, por conseguinte, termos uma maior riqueza de detalhes.

A ênfase à questão das culturas juvenis aparece na fala dos jovens quando é perguntado a eles por que abandonaram a escola e que razões os fizeram retornar. Alguns dos jovens entrevistados relatam que o fator de determinação da evasão escolar em sua primeira oportunidade refere-se à falta do sentimento de pertencimento deles para com a escola. Contudo, quando nos remetemos especificamente se estes sujeitos se consideram ou não jovens, através do questionamento: *Você se considera Jovem? O que é ser Jovem para você?*

De entre a heterogeneidade das respostas, os mesmos relatam diversas representações acerca do que significa “ser jovem”. Nesse sentido, quando os mesmos reconhecem que não podem ser considerados jovens, teoricamente enfatizam que

⁴ A atividade dos Centros Novas Oportunidades dirigem-se a adultos sem qualificação ou com uma qualificação desajustada ou insuficiente face ao que são consideradas as necessidades dos indivíduos e do mercado de trabalho, assegurando o encaminhamento dos mesmos para a resposta mais adequada e, quando se justifique, procedendo ao desenvolvimento de processos de reconhecimento, validação e certificação das aprendizagens obtidas por via da experiência adquirida e de formações não certificadas que podem ser completadas através de ações de formação de duração variável, em função das necessidades diagnosticadas (Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação, Portaria n° 370/80, de 21 de Maio).

pertencem, dessa forma à categoria “ser adulto”, que se configura de igual relevância para a presente discussão. Nesse sentido, alguns jovens adultos começam a relatar que para eles, o “ser jovem” é estar imerso em um “estado de espírito” onde se tem uma “mentalidade aberta”, mais disposição, alegria de viver. Referem que “ser jovem” não tem relação com sua faixa etária, “não depende da idade”. Assim, captamos essa percepção de “poder e ser jovem por toda a vida” para além de outras, no discurso de alguns dos entrevistados:

“Eu acho que me considero jovem (risos). Mas eu acho que mesmo em qualquer idade, nós podemos ser jovens, é sinal que temos vontade e mente aberta para viver novas etapas” (Extrato de entrevista – Jovem 01).

“Sim, considero-me jovem. Sim, acho que somos jovens, não é? Acho que sempre seremos, não é termos certa idade acho que nós, nossa mentalidade diz às vezes tudo. O ser jovem, não depende de idade, depende de querer vivenciar de forma intensa tudo que a vida proporciona” (Extrato de entrevista – Jovem 04).

“Eu considero-me jovem sim, ser jovem é, sei lá, é sentir bem conosco próprios, não termos qualquer tipo de dificuldade na vida, sinto-me bem comigo próprio e isso eu considero ser jovem” (Extrato de entrevista – Jovem 02).

“Sim, considero-me. Ser jovem é ter assim uma mente um bocado aberta, apesar há pessoas que pode até ter uma certa idade, por exemplo tem o caso das duas colegas na sala que já são pessoas que tem a faixa etária que tem idade para ser meus pais, e assim apesar da idade, desde que a pessoa tenha um espírito aberto, uma mente aberta, acho que já se considera isso juventude” (Extrato de entrevista – Jovem 07).

Como vimos, são muitas as concepções que permeiam a categoria social de juventude e a transição para a vida adulta, sendo este um processo bastante complexo. Pelo que percebemos em alguns discursos, a representação de ser jovem também se torna complexa: alguns dos entrevistados ora se consideram jovens, ora adultos, ora jovens adultos. Nesse sentido, alguns mencionam que a maturidade que precisaram adquirir no decorrer da sua trajetória pessoal de vida, viabilizou o seu não-lugar na juventude e, conseqüentemente, se consideram e tornam-se adultos à medida que têm que desempenhar tarefas que demandam responsabilidade, como ter filhos e trabalhar, conforme percebemos no discurso abaixo:

“Acho que sim e acho que não. Há dois tipos de jovem, há o ser jovem de idade, que é o se calhar considera é até aos 20 e poucos anos não é? E depois há os chamados ser jovem de corpo, tem o corpo de jovem, é jovem, tem ali a carinha toda bonitinha, e há o tipo de jovem que é o ser psicologicamente com uma mentalidade jovem, uma pessoa pode ter 50, 60 ou 70 anos, e no entanto, divertir-se, ter uma mentalidade jovem, é bem relativo este conceito, tudo depende da mentalidade da pessoa” (Extrato de entrevista – Jovem 03).

“Quando eu era jovem eu não consegui viver essa etapa, logo arranjei emprego, casei, se naquela altura eu pudesse (...) olha que se eu fosse jovem de novo eu imigrava (...) Olha, hoje eu sou adulta, mas se calhar considero ter o ritmo dos jovens, então as vezes sou jovem, é isto, não sei” (Extrato de entrevista – Jovem 05).

Essa duplicidade de representações e de identidades verificadas no nosso estudo vai ao encontro com a visão de Pimenta (2007: 94-95):

“embaralhamento das fronteiras entre as fases da vida, mas também das maneiras diferenciadas de experimentar os papéis de jovem e adulto, muitas vezes combinando, de forma consciente ou não, aspectos de cada uma delas. O conceito de ‘jovens adultos’ tem vantagens sobre a noção de ‘pós-adolescência’, sobretudo porque aproxima os jovens do estatuto de adultos, mesmo que este ainda seja concebido de forma tradicional-associado à estabilidade profissional e à formação de uma família. Por um lado, cede algum critério aos jovens que, por quaisquer razões coabitam com os pais ou mantêm relações de dependência familiar, mas ao mesmo tempo dispõem de bastante autonomia e liberdade em relação às decisões que afetam suas vidas. Por outro lado, também abrange aqueles que, para todos os efeitos, já são adultos, mas ainda se consideram jovens e, por ser relativamente ambíguo, também pode ser utilizado para referir-se aos que não se identificam nem como jovens, tampouco como adultos, sem o estigma de que ainda não cresceram ou permanecem, de certa forma ‘adolescentes’”.

Neste sentido, percebe-se que alguns dos entrevistados, relativamente à segunda pergunta, consideram que devem ser inseridos na categoria jovem, pessoas que são consideradas sem “maturidade”, sem “problemas”, sem “responsabilidade”, e que possuam um tempo para “beber e sair à noite”, “viver a vida como se fosse o último dia”, constituindo assim um importante ponto de discussão no seio dessa problemática que envolve a base identitária atribuída à fase de vida denominada juventude. Os demais entrevistados enfatizam:

“Em parte ser jovem é, hoje é assim, dia vivemos o dia-a-dia, e vivemos como se fosse o último dia, porque não conseguimos fazer projeto, não conseguimos ter objetivos, não temos responsabilidade, porque hoje é uma coisa e amanhã já é outra e por isso, acho que, em parte não devemos considerar velhos, porque velhos são uns trapos e devemos fazer aquilo que nos gostamos, acima de tudo isso é ser jovem” (Extrato de entrevista – Jovem 06).

“Sim, tenho 24 anos. E acho que vou ser jovem para o resto da vida, enquanto mantiver como eu sou, vou ser sempre jovem, nunca vou deixar abater por tar a ficar mais velho em idade, acho que podemos ser jovem até morrer” (Extrato de entrevista – Jovem 08).

“Sim, acho que sou bastante jovem. Para mim, ser jovem é ter pouca idade, ter uma mente aberta, um espírito de aventura, não ter responsabilidades, não exige tanto, se calhar, psicológica e fisicamente porque o jovem não tem as responsabilidades que tem um adulto, não é? Não tem família? E estamos a falar normal, é claro que há jovens que têm as suas dificuldades mas normalmente um jovem não tem esse tipo de preocupação, de famílias, de trabalho” (Extrato de entrevista – Jovem 09).

Em síntese, para os entrevistados e entrevistadas, a juventude aparece intimamente ligada a um estado de espírito e também, em alguns casos, à forma física, considerando-se jovens neste sentido. Não deixa no entanto de ser curioso que, quando referem o que para eles é ser jovem, associam a esta categoria aspetos que classificamos

como positivos e negativos, sendo que nos negativos aparecem dimensões como: falta de responsabilidade, de objetivos e a desistência fácil, não tendo associado estas características a si próprios.

Aliado às representações sobre ser jovem, uma singularidade foi captada no discurso de um jovem adulto e que se torna pertinente para a discussão uma vez que o mesmo denuncia que há uma certa invisibilidade, de modo geral, do Jovem na sociedade, pois esta é entendida face à falta de reconhecimento da condição da juventude e esta ausência também foi constatada estar presente em outras instâncias tais como escola e família. O Jovem 08 refere:

“olha...isto é complicado, talvez nos jovens, às vezes somos vistos um bocado mais como crianças e não levam tão a sério as nossas opiniões, não importa para eles, isto é na escola e em casa também. Outro dia estava a andar de *Skate* e um professor perguntou: Fogo, tu viestes de skate para a escola? Eu acho que não, que eu não tenho que deixar de fazer,(...) se eu gosto de fazer, meu corpo aguenta, e se me sinto feliz eu acho que devo fazer, mas, se calhar, se importasse o que eu penso, não é?” (Extrato de entrevista – Jovem 08).

Nesse sentido, é importante assumir, pela sociedade como um todo, uma postura de compreensão dos processos de constituição do ser humano como autor e ator da sua própria história. Neste sentido, os saberes dos jovens não devem ser desprezados, nem inferiorizados. Este cenário, na visão de Esteves *et al.* (2005, p.37) é cercado por:

(...) carências consideráveis que ainda se registram em termos de equidade e qualidade. Ou seja, é essa combinação explosiva que, se por um lado, permite aos jovens tomar consciência das oportunidades e possibilidades existentes na sociedade, por outro, muitas vezes, não se lhes dá condições para aproveitá-las. O resultado passa a ser uma grande frustração, que desanima os jovens e os empurra ao abandono e à deserção escolar, especialmente aqueles provenientes dos estratos mais pobres e excluídos” (...) A escola tem que estar preparada para assumir as respectivas condições em que vivem seus alunos, criando estratégias de acesso, pertencimento, permanência e qualidade, pautadas no respeito ao outro e na inclusão de todos no processo de ensino-aprendizagem.

Isto posto, os educadores devem pensar os jovens além de sua condição de estudante. É preciso, segundo Andrade (2004, p.3) “procurar entender o que esses sujeitos, na condição de aluno, vêm tentando demonstrar, explícita ou implicitamente, seja pelo abandono, pela desistência, pela dificuldade de permanência, seja pelas formas com que organizam suas necessidades e anseios”. A jovem 06 afirma “*és mesmo complicado (...) se nossa opinião importasse para algo, não teriam tantas*

desistências”. Em congruência com o apelo relatado pela jovem, talvez seja verdadeiro dizer que o que falta seja no ensino regular e seja no ensino por via dos programas de educação de jovens e adultos é a pedagogia do diálogo, que tanto Freire (1987) defendeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que as reflexões desse estudo compreendeu jovens adultos em situação de escolarização tardia, este estudo possibilitou apontar caminhos para que haja uma escolarização mais eficaz, principalmente no que se refere à priorizar as especificidades e culturas juvenis, neste tipo de educação. Com efeito, ressalta Carrano (2007, p.64): “As escolas deveriam se perguntar permanentemente sobre os esforços que têm sido empreendidos para que os jovens encontrem as condições necessárias de se fazerem sujeitos de suas próprias vidas”.

Reconhecemos na voz dos jovens, que há um significativo empenho dos mesmos tanto em concluir sua trajetória escolar, como para que suas Identidades juvenis tenham mais visibilidade, sobretudo no âmbito da Educação de Jovens e Adultos

Assim, trabalhamos com a hipótese de que tendo como pano de fundo a representação atribuída pelos sujeitos desta investigação à sua condição de ser jovem e adulto, sugerimos que os mesmos podem ser considerados adultos e jovens e vice-versa. Nesse sentido, concordamos com Souza (2007: 65) quando fala que “quase se poderia defender a reformulação do conceito de adulto ou mesmo da substituição deste estatuto e fase de vida nas sub-fases de *jovem adulto* e *adulto jovem*”. Esta mesma autora, em sua investigação mais específica que desenvolveu sobre o que é “ser adulto” na sociedade portuguesa, constatou alguns pontos que vão ao encontro de nossas percepções:

“os jovens são um género de social no man’s land (BOURDIEU, 1984, p. 95) – são adultos para certas coisas e para outras não, ou então, é-se jovem e adulto em simultâneo (RAMOS, 2002), daí resulta a ambígua expressão jovens adultos a testemunhar a mudança que actualmente define o prolongamento do período de transição para a vida adulta. O indivíduo situa-se numa posição intermédia: já não se considera propriamente jovem, mas também não se acha adulto; está numa fase híbrida entre o ser jovem e o ser adulto, fase de é recém-adulto. Por sua vez, a seguir ao jovem adulto poder-se-ia identificar o indivíduo que se caracteriza como adulto-jovem, aquele que se referencia cada vez mais na juventude. Torna-se óbvia a tendência das gerações mais velhas para adquirir atitudes e práticas anteriormente pertencentes apenas à juventude: modos de vestir, práticas de lazer e

consumo, linguagem, valorização do corpo e de uma nova ética de vida, de trabalho, de família e de lazer” (Ibid.: 65-66).

Não obstante, nos remetendo especificamente ao contexto da escolarização na Educação de Jovens e Adultos- EJA, ainda prioriza-se a centralidade no “ser estudante adulto”. Nesse sentido, torna-se interessante ressaltar o surgimento de uma nova identidade que vem se constituindo há alguns anos na Educação de Jovens e Adultos, o que seria possível denominar de “Juvenilização da educação de adultos” devido à forte presença de estudantes jovens nesse tipo de educação. Neste caminhar, esta modalidade de educação representa uma promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento para todas as pessoas, de todas as idades.

Isto posto, é importante o jovem ser reconhecido como um ser humano que luta para buscar espaços que permitam sua participação efetiva na dinâmica social de sua comunidade. Em contrapartida, no ambiente escolar os jovens não se reconhecem, pois suas culturas não podem se fazer presentes, na maioria das vezes. Nesse sentido, urge viabilizar propostas de desenvolvimento de uma educação voltada para os valores juvenis principalmente no âmbito da educação de Adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 5(6), 25-36. Retirado de: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n05-06/n05-06a04.pdf>. 1997.

ALVES, N. *Juventudes e Inserção profissional*. Lisboa: Educa/UI&DCE. 2008.

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os sujeitos educandos na EJA. In: TV Escola, salto para o futuro. *Educação de Jovens e Adultos: continuar... e aprender por toda a vida*. Boletim, 20 a 29 de set. 2004.

BAUMAN, Z. *X Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora. 1994.

BOURDIEU, P., & Champagne, P. Os excluídos do interior. In M. Nogueira & A. Catani (Orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes. 1997.

CASTRO, M. G., & Abramovay, M. *Por um novo paradigma do fazer políticas: políticas de/para/com juventudes*. Brasília: UNESCO. 2003.

- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 40-52. Retirado de: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf> .2003
- ESTEVEES, L. C. G. *et al. Estar no papel: cartas dos jovens do Ensino Médio*. Brasília: Unesco, INEP/MEC, 2005.
- JARIMBA, P. *As representações sociais, motivações, aspirações e expectativas dos alunos do 1º ciclo do ensino básico recorrente. Um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal.2007. Retirado de: <http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/1385/1/disserta%C3%A7%C3%A3odemestrado-Patr%C3%ADciaJarimba.pdf>.
- LOPES, J. T. *Tristes escolas: um estudo sobre práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano*. Porto: Afrontamento.1997.
- MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações [tradução: Cláudio Marcondes], *In* Marialice M. Foracchi (org), *Karl Mannheim: Sociologia*, (pp. 67-95). São Paulo: Ática. 1982.
- PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.
- PIMENTA, M. M. *Ser Jovem e Ser Adulto: Identidades, Representações e Trajetórias*. Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo.2007.
- SANTANA, M. A categoria Juventude na pesquisa histórica: notas metodológicas. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH /São Paulo*, julho 2011.
- SOUSA, F. C. O que é ser adulto: as práticas e representações sociais sobre o que é ser adulto na sociedade portuguesa. *Revista Moçambres: Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa*, 1(2), 56-69. Retirado de: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/879/87910206.pdf>. 2007.
- SPOSITO, M. P., & Carrano, P. 2003. Juventude e Políticas Públicas no Brasil, *Revista Brasileira de Educação*, 24, 16–39. 2003.
- UNESCO/BRASIL. *Políticas Públicas de/para/com Juventudes*. Brasília: CNPq/IBICT/UNESCO.2004